

Duo Gisbranco é
atração no Sesc
Madureira

PÁGINA 2



O sucesso de
'Vital - O Musical',
por Pedro Brício

PÁGINA 6



Conheça os
premiados da
Mostra de SP

PÁGINA 10



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

'A música dele veio me beijar e me salvar'

Ashley Mello/Divulgação

Caixa Cultural recebe
Almério para três
apresentações de 'Tudo
é Amor', show com
repertório do disco
homônimo dedicado ao
repertório de Cazuzza

Em que ponto uma voz agreste de DNA nordestino se encontra com a carioquice debochada e roqueira dos anos 1980? Nome de destaque da cena musical brasileira, Almério está pronto para responder essa pergunta em seu show "Tudo É Amor - Almério canta Cazuzza", dedicado a um dos mais celebrados - se não o mais - poeta do Rock Brasilis. O pernambucano se apresenta de sexta a domingo (1 a 3) na Caixa Cultural Rio de Janeiro - Teatro Nelson Rodrigues, revivendo o cancionário do compositor carioca e na ótica do álbum homônimo lançado por Almério em 2021.

É a fricção entre a força cênica e nordestinidade de Almério e as canções atemporais de Cazuzza, algumas mais atuais do que nunca, como frisa o cantor. "Sempre peço permissão a Cazuzza para cantar. Ele me influenciou e eu sempre cantei Cazuzza na minha época de cantor de bar. Tenho esse imenso desafio de estar próximo dele, mas também manter a distância para dar a minha energia: E can-

tando essa poesia que parece até premonitória de tão atual.

No show, ele vem acompanhado de banda formada por Juliano Holanda (guitarra), Rapha B (bateria), Guga Fonseca (teclado) e Roger Victor (contrabaixo), com direção artística de Marcus Preto - um dos incentivadores do álbum. Almério interpreta, à sua maneira, hits como "O Nosso Amor a Gente Inventa", "Minha Flor, Meu Bebê", "Brasil", "Pro Dia Nascer Feliz" e "Exagerado".

A ideia de celebração passa por toda a apresentação, que está dividida em blocos de canções. A surpresa fica por conta de "Luz Negra" (Nelson Cavaquinho) e "Eclipse Oculto" (Caetano Veloso), composições que Cazuzza gravou e gostava de cantar, mas que não levam a sua assinatura.

Nascido em 1980 na cidade de Altinho, no Agreste pernambucano, Almério teve o primeiro contato com a obra de Cazuzza em 1993, quando o irmão comprou em Caruaru um CD com a coletânea do artista embora não tivesse onde ouvi-lo, pois na casa não tinha aparelho de CD. "Eu ficava lendo e relendo o encarte com as letras, imaginando a força dele. Dois anos depois consegui comprar um discman. A música do Cazuzza veio me beijar e me salvar", lembra.

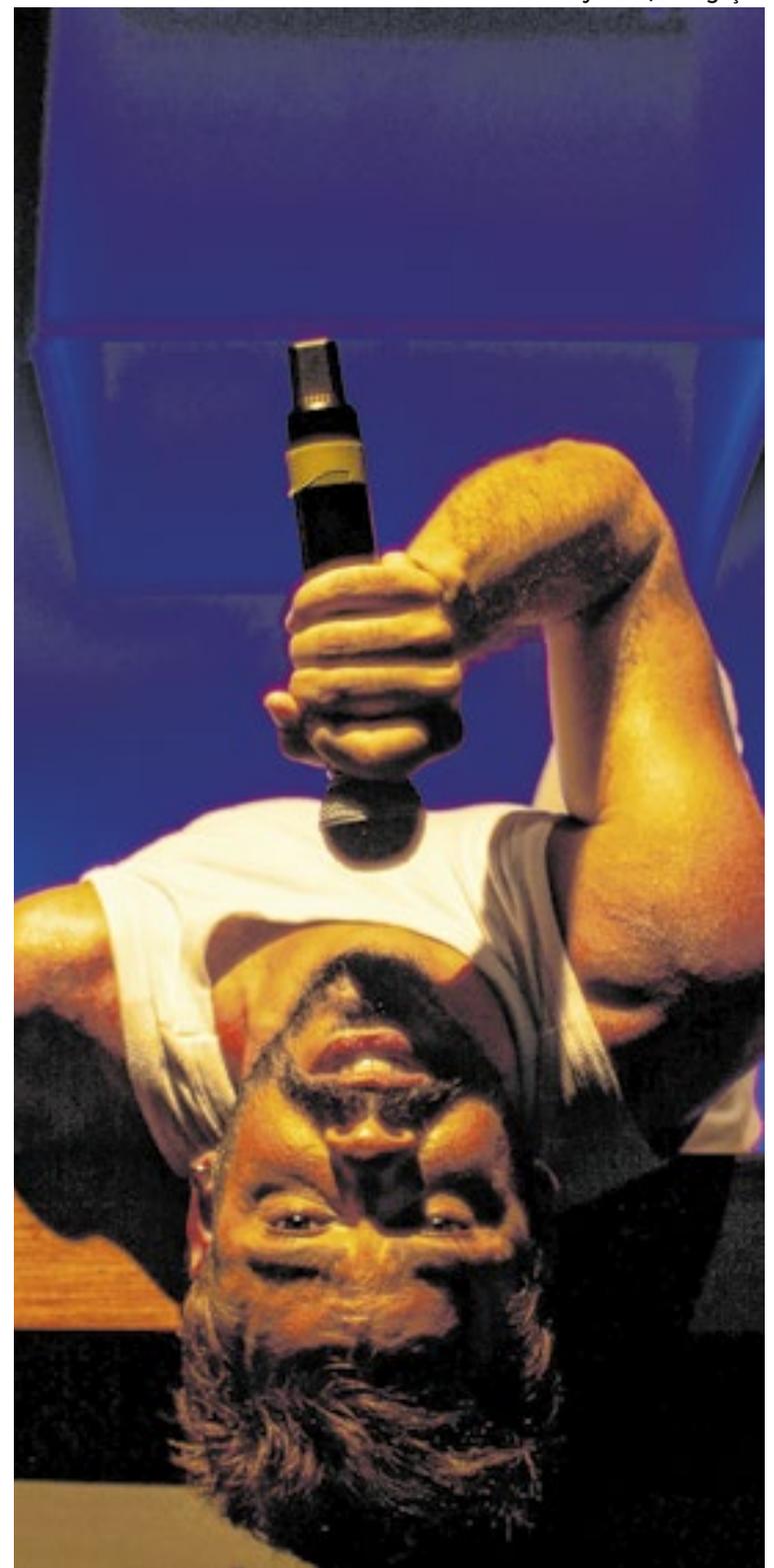
SERVIÇO

ALMÉRIO - TUDO É AMOR

Caixa Cultural Rio de Janeiro - Teatro Nelson Rodrigues (Av. República do Paraguai, 230 - Centro)

1 a 3/11, sexta (19h), sábado e domingo (18h)

Ingressos: Plateia - R\$ 40 e R\$ 20 (meia) | balcão - R\$ 30 e R\$ 15 (meia)



Dois pianos de encantamento (e duas vozes também)

Duo Gisbranco leva a Madureira o show de lançamento do belíssimo 'Passaros - Ao Vivo', com repertório de Chico César

O duo Gisbranco formado pelas pianistas, compositoras e cantoras Bianca Gismonti e Claudia Castelo Branco, voa bonito com as harmonias e a poesia de Chico César no álbum e DVD "Pássaros - Ao Vivo". A dupla apresenta esse repertório nesta sexta-feira (1), às 19h, no Sesc Madureira. "Foi um processo natural. O Chico escrevia poemas inspirados em fotos nossas e memórias. Brincávamos de responder e-mails com poemas e assim começamos também a musicar e a transformar alguns poemas em letras. De repente, percebe-



Divulgação

O Duo Gisbranco interpreta canções de Chico César

mos que tínhamos construído uma parceria de forma leve e lírica", conta Claudia.

"A poesia dele nos toca pela criatividade, pela liberdade de imaginação e fantasia. A brasilidade, tanto pelo ritmo quanto pelos cenários e sensações que ele evoca, também ressoa muito na nossa forma de construir nosso mundo ao

piano. O Chico nos atravessou com suas poesias, e, a partir desse encontro, nos apaixonamos definitivamente pela composição de canções".

O álbum foi lançado em 2021, e, em seguida, Bianca e Claudia envolveram-se em trabalhos individuais. Por isso, só agora retomam a agenda de shows do Gisbranco para lançar o

álbum com um show que tem somente as vozes e os pianos de Bianca e Claudia em cena. O repertório vai incluir algumas músicas do álbum "Pássaros" e também algumas do repertório do CD "Aos Vivos", de Chico César, como "Beradero", "À primeira vista" e "Nato".

"Enviei muitas mensagens para Bianca e Claudia, e as mensagens voltaram feito música. Acendi tantas fogueiras que retornaram canção, lancei muitas garrafas ao mar e recebi de volta um tsunami de som feito de melodias, harmonias, ritmo. Eu explodi em afeto e recebi um disco encantador", diz Chico César.

Tudo começou no terceiro disco do duo, "Pássaros", lançado em 2018, que reunia 15 canções da parceria com Chico César, interpretadas por Bianca e Cláudia e também por grandes nomes como Monica Salmaso, Sergio Santos e Eugenio Dale. Diferentemente dos dois discos anteriores, que são essencialmente instrumentais, "Pássaros" representa para o duo um mergulho profundo na criação da canção brasileira, de forma experimental e livre.

SERVIÇO

DUO GISBRANCO - PÁSSAROS - AO VIVO

Sesc Madureira (Rua Ewbank da Câmara, 90) | 1/11, às 19h | R\$ 10, R\$ 5 (meia) e grátis (associado Sesc e PCG)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Caetano por Zezé

Com uma carreira de mais de 50 álbuns lançados e mais de 50 anos na TV, no cinema e na música, a atriz e cantora Zezé Motta está comemorando 80 anos de vida. Nesta sexta (1), ela apresenta, no Teatro Rival Petrobras, o show "Coração vagabundo - Zezé canta Caetano", em que interpreta 22 obras do compositor num show intimista de voz e piano, acompanhada pelo maestro Ricardo Maccord.

Divulgação



Influência beatle

Com um septeto de cantores-instrumentistas influenciados pelas eternas canções dos Beatles e do Clube da Esquina, o Para Lennon e McCartney - Os Beatles e o Clube da Esquina se apresenta neste sábado (2) no Blue Note Rio, às 22h30. O grupo celebra e revive a interseção singular entre os repertórios do quarteto de Liverpool e do movimento nascido em Belo Horizonte com mashups surpreendentes.

Divulgação



Febre 90's + Sain

Composto pelo MC Pumapil e pelo beatmaker SonoTWS, o Febre90's (foto) se apresenta nesta sexta (1) no Circo Voador. Sua sonoridade faz referência e reverência aos clássicos sons de bumbo e caixa dos anos 1990 com produções analógicas realizadas diretamente em equipamentos icônicos da época. Dividindo a noite, Sain apresenta o álbum "KTT ZOO", uma viagem pelo bairro do Catete e seus personagens emblemáticos.

Reprodução YouTube



Reviravolta

Luisa Sonza leva ao palco do Qualistage neste sábado (2) o show de sua turnê "Escândalo Íntimo". A ideia original era que seu novo álbum visual descrevesse todas as fases de um relacionamento amoroso, do início ao fim. Mas, ironicamente, no melhor momento de sua carreira, Luisa viveu um dos períodos mais difíceis de sua saúde mental e o projeto virou um mergulho seus sonhos mais sombrios.

O pós-punk bossanovista está de volta!

Após hiato de 10 anos, o coletivo francês Nouvelle Vague volta ao país com suas surpreendentes releituras de hits do Depeche Mode, Smiths e Clash

Divulgação



O grupo gravaria apenas um disco, mas o projeto vingou e dura 20 anos

surpresa e comemorações para o Nouvelle Vague. “Tudo começou como apenas uma ideia: deveríamos fazer uma homenagem às compo-

sições da era pós-punk e seria muito legal fazer isso como bossa nova. Era apenas um álbum. Não pensei que ocuparia um espaço tão im-

Após longuíssimos dez anos, o Nouvelle Vague está de volta ao Brasil. O coletivo francês apresenta neste sábado (2) no Circo Voador o show da turnê mundial em que comemora 20 anos de estrada e o lançamento do álbum “Should I Stay Or Should I Go?”. A apresentação em terras cariocas é resultado da mobilização dos fãs através da plataforma Queremos!

Fundado em 2003 pelos multi-instrumentistas e produtores franceses Marc Collin e Olivier Libaux, o Nouvelle Vague alcançou um imenso sucesso fazendo releituras dos clássicos do pós-punk com ares de melancolia e bossa nova, além de revelar cantoras que se tornaram ícones como Camille e Phoebe Killdeer.

Depois de oito anos fora de cena, o grupo está de volta com o seu sétimo álbum. “Should I Stay or Should I Go?” passeia em meio a canções de grupos icônicos como “The Smiths” (This Charming Man), “Blondie” (Rapture), “The Specials” (What I Like Most About You Is Your Girlfriend) e “Depeche Mode (People Are People), além dos ingleses do The Clash, representados na faixa-título do disco. O álbum anterior da banda, “I Could Be Happy”, lançado em 2016, foi seguido pela morte de Olivier Libaux, o que paralisou os trabalhos até 2023.

Completar duas décadas com um disco novo e uma turnê mundo afora é motivo de

portante na minha vida”, diz Collin. “Eu não pensei que estaria falando sobre isso 20 anos depois”, completa. Ainda bem que está, né?

Abrindo a noite, a carioca Silvia Machete. A multiartista, sob sua persona artística Rhonda, traz pela primeira vez ao palco do Circo o novo espetáculo, “Invisible Woman”. Título da canção que batiza o mais recente álbum, trabalho que reúne canções escritas em inglês (fruto da parceria de Machete e Alberto Continentino) e explora novos territórios sonoros e possibilidades artísticas.

Acompanhada pela banda The Moletons, formada por Dudinha Lima (direção musical / baixo), João Oliveira (guitarra), Tiago Costa (teclados) e Vitor Cabral (bateria), a cantora reúne pérolas do seu repertório, como “Room service”, “Bad connection”, “Sentimental Thief” e “What’s Your Name?”, além de “Two Kites”, de Tom Jobim, gravada no álbum com a participação de Maria Luiza Jobim.

Antes e depois dos shows, a Manie Dançante, sob o comando dos DJs Tesfon e Yuri Y., transforma o Circo em um cabaré retro-futurista com a sua mistura de fanfarra, jazz, afrobeats, cumbia, salsa e batidas de house, electro e techno.

SERVIÇO

NOVELLE VAGUE

Circo Voador (Rua dos Arcos s/ nº - Lapa) | 2/11, às 20 (abertura dos portões) | R\$ 380 e R\$ 190 (meia)

Desplugados e felizes

Divulgação

Detonautas volta ao Rio na segunda fase da turnê acústica que celebra os 20 anos da banda

Alguns sonhos demoram anos para sair do papel. E, quando finalmente são concretizados, podem se tornar ainda melhores do que o esperado. Foi o que aconteceu na “Detonautas Tour 20 Anos - Acústico”, que vem esgotando casas de shows Brasil afora.

Celebrando duas décadas do aclamado álbum “Detonautas Acústico” (2010), com mais de 300 milhões de streamings nas plataformas digitais, a banda decidiu levar para a estrada uma versão intimista de suas músicas. A turnê, nascida do DVD “20 Anos - Acústico”, gravado em 2023, convida o público a ouvir a versão desplugada de hits como “Quando o Sol Se For”, “Olhos Certos” e “O Retorno de Saturno”.



Tico e os Detonautas: banda está emocionada com recepção do público

“É um momento muito especial. A sensação é de que estamos vivendo um sonho. Eu não sei dizer quantas vezes fiquei sem ar, arrepiado e com os olhos cheios de lágrimas de ver pessoas de todas as idades, cantando em alta voz todas as músicas do setlist. Nossa

história com as cidades que passamos é muito intensa e essa turnê só aumentou a minha gratidão e o meu amor pelos nossos fãs”, resume o vocalista Tico Santta Cruz.

Apresentar músicas de forma acústica trouxe uma outra percepção ao grupo, forma-

do ainda por Renato Rocha (guitarra), Fábio Brasil (baterista), Phil Machado (guitarra) e André Macca (baixo). “Quando você coloca uma canção no violão e ela funciona, você percebe que é uma composição muito poderosa”, completa Tico.

Além das passagens por Rio, São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte, Juiz de Fora e Natal, um dos momentos mais memoráveis da primeira fase da turnê aconteceu no palco do festival João Rock, em junho, quando a banda se apresentou para um público de mais de 70 mil pessoas em Ribeirão Preto (SP). A plateia, em uma só voz, cantou os sucessos do Detonautas do início ao fim. “Nem em meus sonhos mais otimistas, ou nas minhas maiores ansiedades, imaginei que poderíamos alcançar o que vivemos lá”, comenta Tico. “Essa turnê está concretizando uma experiência atemporal, quase como uma máquina do tempo”, destaca.

SERVIÇO

DETONAUTAS

Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra) | 1/11, às 22h | A partir de R\$ 75

O jazz, o blues, o soul e a bossa, por Watusi

Cantora se apresenta nesta sexta no Blue Note Rio

Uma noite embalada pela elegância da voz de Watusi. A versátil cantora e atriz brasileira que brilhou na Europa nos anos 1970 se apresenta nesta sexta-feira, às 22h30, no Blue Note Rio, com o show “Watusi: Bossa & Blues”, um repertório que passeia por clássicos do jazz, blues e soul, celebrando a diversidade da música negra.

É a inconfundível assinatura vocal da artista somada à versatilidade que a consagrou ao longo de sua carreira, passando por ritmos e interpretações que conectam o público às raízes do gênero.

Acompanhada por uma banda de músicos renomados, com destaque para o multi-instrumentista e compositor Renato Piau, Watusi dará novas cores e nuan-

ces a canções imortalizadas por nomes como Nina Simone, Minnie Riperton e Edith Piaf, além de incluir sucessos como “My Way”, “Feeling Good”, “All the Way” e “Samba de Verão”.

A cantora incluiu também no repertório a carioquíssima bossa nova, além de outras surpresas do universo musical brasileiro. O show “Watusi: Bossa & Blues” tem roteiro de Wagner Faria e André Auler, produção de Marcia Martins e direção artística: Rodrigo Zamproni.

Watusi despontou para a música em 1968 quando ainda se chamava Maria Alice Conceição. Despontou num programa de jovens talentos e, influenciada pelo amigo Hélcio Milito (baterista do Tamba Trio) escolheu um novo nome artístico. Watusi é uma referência a uma tribo africana conhecida pela alta estatura de seus membros.

Sua voz marcante e presença de palco a tornaram uma das cantoras mais popula-



Depois de brilhar no Brasil, Watusi viveu fase de enorme sucesso na Europa

res do Brasil e pavimentaram sua carreira na Europa onde alcançou enorme sucesso. O ponto alto dessa fase foi sua contratação pelo Moulin Rouge, em Paris, onde se

tornou a estrela principal e a artista mais bem paga da Europa na época.

SERVIÇO

WATUSI - BOSSA & BLUES
Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana) | 1/11, às 22h30
A partir de R\$ 60

Cantando as rainhas negras

Izzy Gordon interpreta canções de Nina Simone, Elza Soares, Dona Ivone e outras divas

Novembro é o mês da Consciência Negra e o Blue Note Rio dá início a uma programação especial com shows dedicados a grandes artistas negros. E o primeiro deles é o potente espetáculo “Rainhas” em que Izzy Gordon presta, nesta sexta-feira (1), reverência a Elza Soares, Nina Simone, Dona Ivone Lara, Aretha Franklin, Alcione e Dolores Duran, mulheres que transformaram suas trajetórias através da música.

“É um show que promove a valorização da diversidade e a quebra de estereótipos, inspirando mulheres a seguirem seus sonhos”, afirma Izzy, que cresceu ouvindo jazz e bossa nova.

Filha de Dave Gordon - cantor nascido na Guiana e radicado no Brasil - e sobrinha da lendária Dolores Duran, Izzy conviveu desde criança com nomes como Jair Rodrigues, Tim Maia, César Camargo Mariano, Rita Lee, Wilson Simonal, Cassiano, e muitos outros que apareciam em casa para conversas e jam sessions com seu pai.

Sua carreira começou no musical “Emoções Baratas”, do diretor José Possi Neto. Em 1993 participou do álbum “23”, de Jorge Ben Jor. Convidada pelo músico Skowa, integrou a primeira formação do Grêmio Recreativo Amigos do Samba

Junior Santos/Divulgação



Rock Funk Soul. Também fez shows com Ed Motta.

Uma passagem interessante na carreira da cantora, foi receber o convite para dois shows exclusivos para a banda irlandesa U2, em São Paulo. O convite veio da própria produção de Bono, que escutou o então recém-lançado álbum “Aos Mestres com Carinho - Homenagem a Dolores Duran”. Bono deu até canja em “I’ve Got You Under My Skin”. Esse tributo a Dolores rendeu a Izzy indicações ao Grammy Latino e ao Prêmio TIM. Seu álbum mais recente é “Pra Vida Inteira” (2018) em que reafirma seu lado de compositora.

Um dos trabalhos mais elogiados de Izzy é o tributo à sua tia, Dolores Duran

SERVIÇO

IZZY GORDON - RAINHAS
Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana) | 1/11, às 20h | R\$ 120 e R\$4 60 (meia)

CONVOCATÓRIAS

**SESC RJ
PULSAR
24 / 25**

**ÚLTIMA
SEMANA
PARA
INSCREVER
SEU PROJETO**

As **Convocatórias** para os projetos **O Corpo Negro-Indígena** e **Baixada em Foco** só vão até as **17h do dia 4/11/2024**. Inscreva-se já!

É GRATUITO!

Resultado: 27/11/2024

Acesse o edital completo no site:

www.sescrj.org.br/edital-de-cultura-sesc-rj

Faça a sua inscrição em:

www.editaldecultura.sescrj.org.br/login



Música • Teatro • Dança • Circo • Artes Visuais • Audiovisual • Literatura

ENTREVISTA / PEDRO BRÍCIO, DIRETOR TEATRAL E DRAMATURGO

'Tivemos um respeito em relação à história, mas também essa possibilidade de ir para a fantasia'

Divulgação



Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Pedro Brício é um maestro e mestre nas artes performático. É formado em Cinema, estudou na Desmond Jones School of Mime (Reino Unido), na Scuola Internazionale dell'attore Comico (Itália) e na École Philippe Gaulier (França). É mestre em Teatro pela Unirio, escreve e dirige monólogos, grupos, musicais. Abraça diferentes estilos, é inovador, mesmo quando trabalha com os clássicos. Já recebeu os mais importantes prêmios brasileiros. Dirigiu blockbusters como "Show em Simonal", "Kink Kong Fran" e agora está por trás de dois dos maiores musicais do ano: "Tom Jobim Musical" (como co-autor) e "Vital - O Musical dos Paralamas" (como diretor). Um artista como poucos, capaz de entregar espetáculos totalmente diferentes, que causam enorme prazer às plateias que confirmam: "Pedro Brício sabe fazer teatro".

A seguir, ele fala conta ao Correio da Manhã o processo de direção de "Vital - O Musical dos Paralamas", com texto de Patrícia Andrade e produção de Gustavo Nunes e Marcelo Pires, em cartaz no Teatro Claro Rio.

Como foi o processo de direção em "Vital"?

Pedro Brício - Primeiro teve um tempo, um período de muita pesquisa que eu ouvi, novamente, toda a discografia e li as biografias, anotava o que me interessava, o que eu via como imagem, como possibilidade de interesse dramático nos conflitos ou só nas músicas, na beleza das músicas, mas sem pensar ainda na encenação, ainda não havia roteiro.

E a relação com seus parceiros de construção do musical?

Um crédito muito forte ao André Cortez, o cenógrafo. Conte pra ele esse conceito da memória, dos planos de a gente ter às vezes num plano presente, no outro o passado, no outro a imaginação, o delírio, quando Herbert está no hospital, André veio com a ideia desse cenário, com a perspectiva e possibilidade de ter planos coexistindo, muito, muito importante na criação de todo o espetáculo.

Fale da construção do Vital, esse personagem e narrador...

Como o espetáculo já se chamava "Vital", havia a proposta inicial de se entrar com um personagem que fosse um Vital simbólico

coral... então tem narrações do Vital, tem momentos do Bi, do Barone, do Zé (José Fortes, o empresário do grupo). Todos os personagens que estão ali contam algo.

Numa peça sobre um grupo, como funciona o grupo de criação?

Foi o segundo passo, pois não havia um roteiro ainda. E foi muito bom, desde o início, eu pensar com a Patrícia e com o Marcelo Pires, que também colaborou no roteiro, qual seria a perspectiva, de onde e como iríamos contar essa história, o que nessa história iria importar. Então, a primeira decisão foi a escolha por essa perspectiva da memória, de começar no hospital e todo o espetáculo, a narrativa, ter essa sensação da memória do Herbert, assim a gente poderia não ser totalmente linear com a história, também de ter uma imprecisão, de ter uma sensação ali do onírico também.

E quem mais chegou a essa banda?

Outra parceria fundamental nesse trabalho foi a do Daniel Rocha, na direção musical desde o início, trabalhando com a Patrícia. Também passava para ele. Começamos a pensar musicalmente como seriam feitas as sequências, o que ele achava das músicas, o que ele pensava, o que a música poderia trazer, entrar no meio dos diálogos, então o que eu acho com musical é realmente essa mistura, esse entrecruzamento do texto, da direção, da direção música e da música, né? Então o Dani também foi um parceiro fundamental na elaboração do conceito da encenação. A gente trabalhou muito junto na sala de ensaio.

E o relacionamento com o elenco?

Um foco que a gente sempre teve nesse espetáculo era na alegria, na vibração, na potência que a gente sentia, que tem na música dos Paralamas, achamos que o elenco tinha que ter isso também, essa energia, essa vibração e essa afetividade. Acho que realmente conseguimos um elenco muito talentoso, muito harmônico, também humor, muito importante. E um elenco afetuoso, muito talentoso, jovem, muitas pessoas jovens, mas muito talentosas, porque criávamos também na sala de ensaio. Às vezes eu propunha coisas para eles, para eles trazerem, então foi um processo onde a participação criativa do elenco foi relevante também.

SERVIÇO

VITAL - O MUSICAL DOS PARALAMAS
Teatro Claro Mais (Rua Siqueira Campos, 143, 2º Piso - Copacabana)
Até 24/11, às sextas (20h), sábados (16h e 20h) e domingos (18h)

CRÍTICA / TEATRO / A VIDA PASSOU POR AQUI

É bonita,
é bonita,
é bonita

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Existem temas que são momentâneos, dependem de como anda o mundo; há outros que são eternos: amizade, parceria, valor da arte, superação. E quando um texto combina todos esses elementos, com leveza, emoção, música, temos a receita perfeita do excelente teatro. “A vida passou por aqui”, de Cláudia Mauro, premiada pela APTR, realiza tudo isso.

Contada em flashback, a estrutura é como ver um desfile de escola de samba: você senta, anima-se, dança, entendia-se, levanta, canta, bate o pé, emociona-se e se integra



Cláudia Mauro e Édio Nunes recordam a vida

quanto quiser. Apenas dois personagens em cena: um homem, uma mulher, duas classes sociais, dois talentos, duas formas de encarar o mundo. Eros e Thanatos, vida e morte, sucesso e fracasso, crises e superação aparecem como tema em cada episódio.

São dois personagens de idade avançada:

Sílvia (Cláudia Mauro) e Floriano (Édio Nunes), com uma amizade intensa de mais 40 anos que, ao fim da estrada, encontram-se para falar de quanto afeto dividiram entre si e com aqueles que os cercaram, como ultrapassaram as derrotas. Floriano — favelado, dançarino de gafeira, que, com o

apoio dela, torna-se escritor — foi contínuo de Sílvia. Ela, professora, moradora do Leblon, deprimida, muitas vezes com um casamento complicado, artista plástica com apoio dele.

O mundo de Eros se sobrepõe ao de Thanatos com a animada trilha sonora, samba dançado no quadradinho que evolui sempre para resolver um problema de Sílvia.

Édio Nunes faz um Floriano extraordinário. Grande bailarino, como poucos, acaba por encarnar um Dionísio, que, tal como o deus grego, convida as mulheres, no caso a emblemática Sílvia, para dançar em honra dos princípios que preconiza: comemorar o fato de se estar vivo. E, como todo herói, ao se aproximar do fim, conclama à bebida; afinal, o vinho, a cerveja são parte desse ritual, que é criar a alteridade da alegria e da felicidade. E saímos cantando: é a vida, é a vida e é a vida.

SERVIÇO

A VIDA PASSOU POR AQUI

Teatro Fashion Mall (Estrada da Gávea, 899, 2º piso - São Conrado)
De 2 a 17/11, aos sábados e domingos (18h) | Entrada: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Palavra x imagem

Novo espetáculo da dramaturga e atriz Cecília Ripoll, “Fantasiosa Exposição da Palavra” terá duas apresentações no Ateliê Alexandre Mello, em Laranjeiras neste sábado e domingo (2 e 3). Com direção de Juliana França e Cecília Ripoll, o solo reflete sobre a nossa atual relação com as palavras em um mundo dominado pelas imagens. Na peça, a palavra é vista por ângulos, temporalidades e perspectivas diversas, criando metáforas sobre história, sociedade e relações afetivas. Sessões sábado, às 20h30, e domingo, às 19h30.

Thaís Grechi/Divulgação

Fabiana Ribeiro/Divulgação

**Pensando Lilith**

A fim de propor uma reflexão corporal, poética e política sobre a personagem mitológica Lilith, trazida à cena como protagonista e fundamento da construção da estigmatização e violência sofrida pela mulher na sociedade patriarcal, o solo de dança-teatral “Lua Negra” desembarca na Areninha Cultural Terra, em Guadalupe, para duas únicas apresentações gratuitas nesta sexta e sábado (1 e 2), às 19h. O espetáculo estrelado, coreografado e dirigido por Cibele Ribeiro também conta com trilha sonora original composta pelo pianista e compositor André Mehmari.



Divulgação

**Maratona cênica**

É maratona mesmo. Dez sessões em um dia!!! Natasha Coberlino faz teatro do melhor com a plateia totalmente ligada no espetáculo “1 peça cansada”. São reflexões sobre o mundo, sobre a vida, sobre o fazer teatral. Passado, presente e futuro, Natasha, com absoluta proficiência desfia e desfila os males da vida, do cotidiano, na sala de sua casa, com plantas, objetos e uma atuação ensolarada. Dez sessões seguidas no domingo, começando às 11h. É um presente da arte para plateia, com nova coragem de cena performativa de abrir a casa, o coração e a alma.

SHOW**CEZAR MENDES**

*Professor de violão dos filhos de Caetano Veloso e outros famosos, o cantor compositor baiano gravado por grandes intérpretes da MPB mostra as canções de seu último trabalho, "Depois, enfim". Sex (1), às 21h. Manouche (Rua Jardim Botânico, 982). Esgotado

STEVIE WONDER NIGHT

*O cantor e compositor Júnior Meirelles apresenta show-tributo ao icônico artista estadunidense, um dos gênios da black music. Sáb (2), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 60

TEATRO**ELIS, A MUSICAL**

*Um passeio pela trajetória artística e pessoal da inesquecível cantora com interpretação das atrizes/cantoras Laila Garin e Lillian Menezes. Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 40). Até 3/11. qui e sex (20h), sáb (16h e 20h) e dom (15h e 19h). Entre R\$ 21 e R\$ 280

TOM JOBIM MUSICAL

*Musical dedicado à vida e obra do nosso Maestro Soberano. Teatro Casa Grande (Av. Afrânio de Melo Franco, 290). Até 15/12, às qui e sex (20h), sáb e dom (15h e 19h). Entre R\$ 21 (meia balcão) e R\$ 320 (plateia VIP)

NÃO ME ENTREGO NÃO

*Dirigido por Flávio Marinho, Othon Bastos, o maior ator brasileiro vivo, repassa 70 anos de uma carreira impecável no cinema, no teatro e na TV. Teatro Vanucci (Shopping da Gávea - Rua Marques São Vicente, 52 - 3º piso). Até 1/12, às sex (20h), sáb (19h) e dom (18h). R\$ 120 e R\$ 60

FIDES - FÉ EM LATIM

*Espetáculo abre as feridas do assédio sexual e moral na sociedade contemporânea e na igreja católica. Teatro Municipal Domingos Oliveira (Av. Padre Leonel Franca, 240 - Planetário da Gávea). Até 1/12, de qui a sáb (20h) e dom (19h). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

JUDY - O ARCO-ÍRIS É AQUI

*Em atuação memorável, Luciana Braga vive a diva hollywoodiana, atriz e cantora Judy Garland (1922-1969), no premiado solo musical criado e dirigido pelo talentosíssimo Flávio Marinho. Teatro Vanucci (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - 3º piso) Até 29/11, qua e qui (19h30) e sex (17h). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)



Fides - Fé em Latim

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

REnato Mangolin/Divulgação



Villa-Lobos, Cantigas e Crianças

NEBULOSA DE BACO

*O espetáculo traz à cena duas mulheres atrizes expondo a "confusão" de serem elas mesmas, mas também de serem outras, inventadas, atrizes vivendo outras realidades. Teatro I Centro Cultural Banco do Brasil RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Até 24/11, qua a sáb (19h) e dom (18h). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

VIVA O POVO BRASILEIRO (DE NAË A DAFÉ)

*Adaptação teatral do multipremiado romance do escritor baiano João Ubaldo Ribeiro (1941-2014) que atravessa séculos de nossa história na ótica de mulheres guerreiras e sofridas. Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes). Até 3/11, às quintas e sextas (19h) | sábados e domingos (17h). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

Beti Niemeyer/Divulgação



Não me Entrego Não

Divulgação



O Pequeno Herói Preto

Divulgação



Tom Jobim Musical

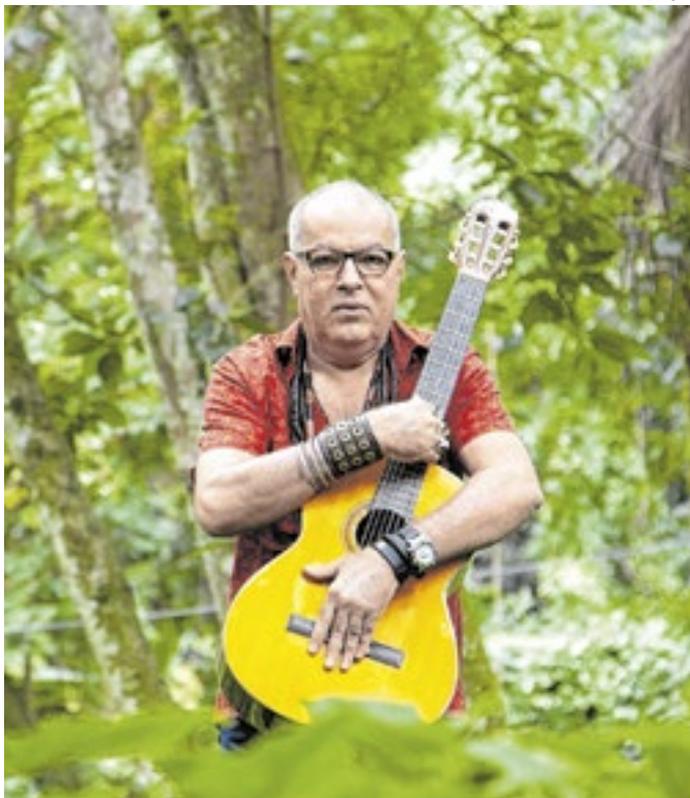
A PALAVRA QUE RESTA

*O texto teatral do autor cearense Stenio Gardel se transforma em poema nesta montagem de Daniel Hewrz que traz o retorno da Cia Atores de Laura aos palcos cariocas. Teatro Correios Léa Garcia (Rua Visconde de Itaboraí, 20). Até 2/11, de qui a sáb (19h). Entre R\$ 15 e R\$ 80

UM LUGAR ONDE A VIDA ACONTECE

*Neste monólogo a atriz Helena Varvaki e dramaturga reúne vivências suas e também de mulheres que estão chegando à casa dos 60 anos, revelando no palco suas angústias e expectativas. Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104 - Botafogo). Até 22/12, de qui a sáb (20h) e domingos (19h). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

Divulgação



Cezar Mendes

Divulgação



Cores do Sagrado

EXPOSIÇÃO**MARTA ARRUDA: 40 ANOS DE ESCULTURAS**

*A artista plástica alagoana Marta Arruda transforma a dureza do material bruto em obras singulares de metal através de suas esculturas abstratas e painéis. Caixa Cultural (Rua do Passeio, 38, Centro). Até 1/12, de ter a sáb (10h às 20h), dom e fer (11h às 18h). Grátis

CORES DO SAGRADO

*Influenciado pela figura feminina nas mitologias, o artista plástico francês Bruno Castaing expõe sua produção mais recente. Galeria Dobra (Fábrica Bhering - Rua Orestes, 28 - Santo Cristo). Até 15/11, de seg a sex (10h às 18h) e sáb (13h às 20h). Grátis

FULLGÁS - ARTES VISUAIS E ANOS 80 NO BRASIL

*Coletiva com mais de 300 obras de mais de 200 artistas, além de documentos e objetos, que dão um panorama do que era o Brasil durante a década de 1980. Até 27/1, de qua a seg (9h às 20h). CCB-BRJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

DEVANEIOS DE UM CAMINHANTE SOLITÁRIO

*O artista Edmilson Nunes apresenta trabalhos de sua produção mais recente, feitos desde 2022. Real Galeria de Arte Contemporânea (Av. Princesa Isabel, 500 - Copacabana - dentro do Real Residence Hotel). Até 31/1, de segunda a sexta (12h às 17h). Grátis

INFANTIL**VILLA-LOBOS, CANTIGAS E CRIANÇAS**

*Espetáculo baseado nas cantigas populares recolhidas e sistematizadas pelo maestro oferece uma experiência imersiva nas tradições culturais brasileiras. Até 3/11, sáb e dom (16h). Ecovilla Ri Happy (Rua Jardim Botânico, 1008). R\$ 80 e R\$ 40 (meia) no Jardim Botânico, na cidade do Rio de Janeiro.

QUEBRA-CABEÇA - EM BUSCA À PEÇA QUE FALTA

*Juntos, atores e público quebram a cabeça até encontrar a resposta a uma pergunta neste espetáculo interativo com muita improvisação e fantasia. Até 1/12, sáb e dom (16h). Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - 2º piso). R\$ 90 e R\$ 45 (meia)

O PEQUENO HERÓI PRETO

*Idealizado e interpretado por Junior Dantas, o premiado espetáculo valoriza aspectos da cultura negra e heróis da vida real, contando a aventura de Super Nagô, um youtuber de 10 anos que descobre seus poderes. Sáb (2), às 16h. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33). A partir de R\$ 30 -

EVENTO**ROCK 80 FESTIVAL**

*A Praça General Tibúrcio, na Urca, recebe o evento que promete uma experiência completa com música, gastronomia, artesanato e moda. Os participantes são convidados a doar 2 quilos de alimentos não perecíveis, que serão destinados a instituições de caridade. Sáb (2) e dom (3), das 10h às 22h

Teve **ouro** na Paulicéia



Divulgação

Atuações devastadoras de Marjorie Estiano e Alexandre Nero fazem de 'Precisamos Falar' um dos filmes brasileiros de maior vigor da leva nacional da Mostra em 2024

A PREMIAÇÃO da 48ª MOSTRA DE SP

JÚRI OFICIAL

Melhor Ficção: "Familiar Touch", de Sarah Friedland (EUA), e "Hanami", Denise Fernandes (Portugal/Suíça)

Melhor Documentário: "No Other Land", de Basel Adra, Rachel Szor, Hamdan Ballal e Yuval Abraham (Palestina), e "Sinfonia da Sobrevivência", de Michel Coeli (Brasil)

Melhor Direção: Adam Elliot, por "Memórias de

um Caracol" (Austrália)

JÚRI POPULAR

Melhor Filme Estrangeiro: "O Caso dos Estrangeiros" ("The Strangers' Case"), de Brandt Andersen (Jordânia), e "Balomania", de Sissel Morell Dargis (Dinamarca/Espanha)

Melhor Filme Brasileiro: "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, e "3 Obás de Xangô", de Sérgio Machado.

Prêmio Brada de Direção de Arte: "Hanami"

Prêmio Netflix: "Serra das Almas", de Lírio Ferreira

Prêmio Paradiso: "Malu", de Pedro Freire

Prêmio da Crítica: "Manas", de Marianna Brennand, e "Levados Pelas Marés" ("Caught By The Tides"), do chinês Jia Zhangke

Prêmio Abraccine: "Intervenção", de Gustavo Ribeiro.

Adra, Rachel Szor, Hamdan Ballal e Yuval Abraham, e uma prata da casa, "Sinfonia da Sobrevivência", de Michel Coeli, sobre queimadas no Pantanal. Concederam ainda um troféu de Melhor Realização para o australiano Adam Elliot, pela animação "Memórias de um Caracol" ("Mémóir of a Snail").

Renata garimpou 417 títulos de 82 países

para a Mostra, com direito a "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, nosso representante na corrida pelo Oscar, que sai de Essepê coroado com a láurea do júri popular. As plateias ainda premiaram "3 Obás de Xangô", que há 15 dias valeu a Sérgio Machado o troféu Redentor de Melhor Documentário no Festival do Rio, ao falar de orixás da Bahia. O Prêmio

do Público também se estende a títulos internacionais, o que valeu um mimo para uma das produções mais convulsivas de 2024: "O Caso dos Estrangeiros" ("A Stranger's Case"), de Brandt Andersen, com CEP na Jordânia. É um drama coral que lembra "Babel" (2006), uma vez que o conflito de um segmento afeta o outro. Ganhou o Prêmio da Anistia Internacional pela forma feroz com que expõe a batalha de um grupo de pessoas para escapar da violência na Síria, incluindo uma médica e um soldado filho de um herói local. Um mercenário interpretado magistralmente por Omar Sy ("Lupin") cruza o caminho de todos, com seu caráter nada louvável.

Muitas pérolas estiveram ao alcance do país nos 14 dias da Mostra, incluindo três fortes candidatos às estatuetas hollywoodianas de 2025: "O Brutalista", de Brady Corbet; "Piano de Família", de Malcolm Washington; e "Saturday Night – A Noite Que Mudou a Comédia", de Jason Reitman. Dos títulos brasileiros, o Correio da Manhã ressalta um, que já havia dado o ar de sua excelência na Première Brasil, mas ganhou novo vulto em SP: "Precisamos Falar", de Rebeca Diniz e Pedro Waddington.

O roteiro de Sérgio Goldenberg - baseado no romance "O Jantar", de Herman Koch, e supervisionado por George Moura - é uma aula de dramaturgia, apoiado numa direção nervosa que lembra muito o italiano Marco Bellocchio de "Bom Dia, Noite" (2003). É o melhor filme de Bellocchio que Bellocchio não fez.

Na trama, adolescentes de classe média alta agridem uma mulher em situação de rua que dormia em um caixa eletrônico e ela acaba morrendo. As câmeras não permitem identificar os culpados, mas seus pais (dois irmãos e suas esposas) os reconhecem e precisam enfrentar o dilema de denunciá-los ou não à polícia. A magistral atuação de Alexandre Nero e a devastadora composição de Marjorie Estiano no papel de uma Lady Macbeth de Zona Sul fazem desse ensaio sobre o maquiavelismo uma aula de sociologia - e de bom cinema. Foi um achado em uma leva das mais potentes que o país entrega ao circuito, a se destacar ainda "Serra das Almas", thriller à la Sam Peckinpah de Lírio Ferreira, que demonstra o vigor dos filmes de gênero nacionais não só nas veredas do terror, mas também nas franjas da ação, com Ravel Andrade em modo Javier Bardem num enredo de roubo de joias. Que estreie logo.

SbbVerum
cusapid et alit pa
venditiis ipsus pere
landiatecea dolupta

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Consultas futuras às memórias da 48ª Mostra de São Paulo hão de manter na posteridade o encontro com Francis Ford Coppola, no Itaim Bibi, no qual o titã responsável por "O Poderoso Chefão" (1972) confessou ter amparado as lágrimas de Glauber Rocha (1939-1981) num encontro em São Francisco, no qual o realizador baiano temia não poder voltar para o Brasil fardado da ditadura militar.

Graças ao empenho da distribuidora O2 Play, o artesão autoral da Nova Hollywood veio até nós trazer "Megalópolis" para o desfecho da maratona paulistana, na última quarta-feira, na Cinemateca Brasileira, onde conquistou a láurea honorária Leon Cakoff. Sua passagem pelo evento não apenas ressaltou a (bem-vinda) ousadia da O2 na distribuição de títulos de CEP estrangeiro em terras nacionais como reforçou a relevância estratégica que esse festival coordenado por Renata Almeida tem no planisfério audiovisual.

Seu júri deste ano fez uma celebração da força feminina na direção de narrativas ficcionais ao coroar "Familiar Touch", de Sarah Friedland (EUA), e "Hanami", da portuguesa de origem cabo-verdiana Denise Fernandes.

O coletivo de juradas e jurados foi formado pela atriz Camila Pitanga; pelo ator e cineasta Gonçalo Waddington; pela curadora e produtora Hebe Tabachnik; pelo produtor Kyle Stroud; pelo diretor e escritor Mohsen Makhmalbaf; e pelo crítico Thierry Meranger. O time laureou ainda dois documentários: o palestino "No Other Land", de Basel

O chefão no Brasil



Francis Ford Coppola encerra a Mostra SP com o lançamento de seu novo épico 'Megalópolis'

Divulgação



Coppola encerrou a Mostra de SP com pompa e circunstância exibindo seu ousado 'Megalópolis'

Por Pedro Sobreiro

Grandes festivais de cinema são feitos com grandes filmes e grandes cineastas. Em parceria com a produtora O2 Play, a Mostra SP trouxe Francis Ford Coppola, um dos maiores diretores da história do cinema mundial, para encerrar o evento em uma maratona no Brasil, que incluiu uma palestra, uma pré-estreia de 'Megalópolis' que lotou o cinema mais luxuoso de São Paulo, e o recebimento do Prêmio Leon Cakoff no coração do cinema nacional: a Cinemateca Brasileira.

A rotina de Coppola no Brasil

foi intensa e muito interessante. Nada mostra mais o poder do cinema do que o amor dos fãs. No shopping Cidade Jardim, convidados sortudos fizeram uma fila gigantesca para lotar a pré-estreia de Megalópolis e tentar ver o diretor por alguns segundos. Do lado de fora, fãs que viajaram de diversas partes do país aguardavam para ver o ídolo e tentar agradecê-lo por seu trabalho.

Rafael Andrade, estudante de Sorocaba (SP), pegou a estrada e aguardou por cerca de três horas para tentar conseguir um autógrafa do diretor. "Eu não consegui ingresso, mas assim que soube que ele vinha para São Paulo, comprei minha passagem de ônibus e vim para

“Sou um grande fã, e ele é uma grande referência pra mim. Copiei muitas coisas dele a vida inteira.

Fernando Meirelles

cá. Mesmo que eu não consiga ver o filme, só de respirar o mesmo ar que o dele, já fico orgulhoso”, brincou.

Após uma sessão de fotos

com Francis Ford Coppola, o diretor e fundador da O2 Play, Fernando Meirelles, falou com exclusividade à reportagem sobre a sensação de trazer o diretor de 'O Poderoso Chefão' para lançar seu novo filme no Brasil.

“É sensacional trazer ele para o Brasil! Eu sou um grande fã, e ele é uma grande referência para mim. Copiei muitas coisas dele a vida inteira [risos]. É demais trazer o Coppola para o Brasil. E é uma honra a gente estar distribuindo o filme. Ele, aos 85 anos está aqui numa disponibilidade, numa gentileza incrível! É sensacional!”, disse Fernando Meirelles.

Na palestra realizada no Tea-

tro B32, em São Paulo, Coppola revelou ter se inspirado no Brasil para construir o visual de 'Megalópolis'.

“Visitei Curitiba no início dos anos 2000, em uma época em que a cidade estava se dando conta de como São Paulo estava ficando populosa. Então, eles estudaram novas maneiras para conseguirem abrigar com qualidade de vida os cidadãos que fossem morar por lá”, contou o diretor.

Além do Prêmio Leon Cakoff, Coppola recebeu a Ordem Estadual do Pinheiro, a mais alta honraria do Paraná, concluindo sua passagem rápida, mas marcante pelo Brasil.

Mais que empresário: **cinéfilo**

Pedro Sobreiro

Na Mostra SP, criador da Mubi revelou os desafios de manter um streaming Cult

Por Pedro Sobreiro



Mais do que um festival de cinema, a 48ª Mostra de São Paulo promove momentos importantes para o segmento como

o IV Encontro de Ideias Audiovisuais, que trouxe ao Brasil o turco Efe Cakarel, o criador da Mubi, a mais cult das plataformas de streaming e a que mais cresce no mundo.

O empresário contou sobre o surgimento de sua plataforma há 17 anos, e quais as projeções da empresa para o futuro, já que eles emplacaram um sucesso mundial nas telonas, com chances fortíssimas de aparecer nas principais cerimônias de premiação: “A Substância”.



No painel, Cakarel se definiu como alguém “terrivelmente apaixonado por cinema” e contou que a ideia da Mubi surgiu em um café em Tóquio. Formado em Engenharia Elétrica e Ciência da Computação pelo MIT, ele parecia ver nesse mundo matemático o seu futuro. Porém, ele tinha essa paixão pela Sétima Arte. Na época, ele queria assistir “Amor à Flor da Pele” (2000), de Wong Kar-Wai, mas não encontrava o título em lugar nenhum. Então, foi entre 2006 e 2007 que surgiu a ideia de fazer uma plataforma onde o público pudesse encontrar esses filmes que aparentemente não interessavam às grandes empresas.

“Por volta de 2006, 2008, eu sabia que pre-

Efe Cakarel deu início ao MUBI para abrigar filmes que ele não encontrava nas plataformas convencionais

cisava ir para Cannes se quisesse ter acesso aos melhores produtores, mas não tinha um filme e mal tinha um serviço que pudesse ser reconhecido pela organização. Então decidi arriscar e enviar um e-mail para eles, dizendo que nos próximos 17 anos, se quisessem expandir o lançamento dos filmes, teriam que abraçar nossa ideia. E para a minha surpresa, me credenciaram para o Festival de Cannes. Quando cheguei ao “Le Palais”, estava me tremendo todo.

Inicialmente, a Mubi investia nos chamados filmes de catálogo, que ficam disponíveis após três anos do lançamento cinematográfico de forma não exclusiva. Isso permitiu que a Mubi fosse notada por grandes nomes.

Virada de chave

Mas houve uma grande frustração, que acabaria se tornando uma virada de chave na empresa: “Parasita”.

“Em 2019, assisti o filme e fiquei fascinado. Na época, ninguém fazia ideia do sucesso que ele viria a se tornar. Negocie para viabilizar seu lançamento exclusivo na Mubi imediatamente após a sair de cartaz dos cinemas, e estava praticamente tudo certo. Só que o filme começou a ter aquele desempenho espetacular nos festivais internacionais e recebi uma ligação dizendo: ‘Efe, a Amazon fez uma oferta irrecusável. Não vamos poder continuar com o acordo’. Nesse momento tudo mudou. Isso nunca poderia acontecer novamente. Sabe? Uma coisa é eu ter ‘Parasita’ no catálogo hoje. Outra coisa completamente diferente é ter ‘Parasita’ no seu streaming dois, três meses depois do lançamento do filme. Foi então que entendi que se quisesse ter filmes no meu catálogo, eu teria que conseguir os direitos completos. Eu teria que entrar no ramo de distribuição”, explicou.

CRÍTICA / FILME / O VIDREIRO

Acerto estético

Uma das maiores vantagens de eventos como a Mostra de São Paulo seja a oportunidade de assistir filmes que repercutem mundialmente, mas que, de forma inexplicável, dificilmente entrarão em circuito nos cinemas brasileiros. Nesse cenário, a animação ‘O Vidreiro’ fez sua estreia em terras brasileiras nas salas da 48ª Mostra Internacional de Cinema em São Paulo.

Dirigido por Usman Riaz, ‘O Vidreiro’ é o primeiro filme de animação feito completamente em 2D da história do Paquistão. Inspirado nos sucessos de Hayao Miyazaki, do Studio Ghibli, o longa é uma história de amor e guerra entre dois apaixonados pela arte e suas diversas manifestações.

O longa vem se destacando internacionalmente e foi escolhido para ser o representante paquistanês na disputa por uma vaga na categoria de Melhor Filme Estrangeiro do Oscar, categoria na qual ‘Ainda Estou Aqui’ provavelmente representará o Brasil, por exemplo. Ou seja, é um projeto que conta com plena confiança do país.



Divulgação

A trama acompanha Vincent, um jovem vidreiro adepto do pacifismo, e Alliz, a filha do heroico coronel que tenta defender o país no front da guerra em que estão inseridos. Nesse contexto, a duplinha se conhece ainda na infância e cresce com o sonho de viverem da arte. Vincent usa sua sensibilidade e talento para moldar o vidro, enquanto Alliz manja o violino com uma capacidade musical

sobrenatural. O tempo passa, a guerra avança e os dois vão crescendo cada vez mais colados, até que a vida adulta chega, separando os queridos.

O grande destaque do filme é a estética. Sem sombra de dúvidas, o trabalho de aproximadamente uma década da produção para fazer esse filme de forma quase artesanal valeu cada segundo. Os detalhes, os figurinos, os ce-

nários... É tudo meticulosamente construído da forma mais fascinante possível. Mas nada supera as cenas de Vincent moldando o vidro e construindo suas estruturas. São lindíssimas.

Narrativamente falando, o filme tem seus momentos de confusão, principalmente pela inserção de uma trama sobre os Djinn, uma criatura mitológica muito popular na cultura local. O Djinn mais famoso da cultura pop mundial é o gênio da lâmpada, dos contos do Aladdin, mas em ‘O Vidreiro’, ele assume um papel menos cômico e mais fiel ao mito paquistanês. O problema é que fica realmente confuso em meio a esse cenário de amor em meio a guerra.

No fim das contas, além do visual sensacional, o grande mérito do filme é construir esse amor pelas diferentes formas da arte. Vincent e Alliz se conectam e desenvolvem sua relação por meio da paixão pela arte um do outro. E o que é o cinema se não a celebração da arte? É um filme interessantíssimo que merece um espaço nos cinemas brasileiros, mesmo que de forma breve. **(P.S.)**

ENTREVISTA / CLAUDIO GIOVANESI, CINEASTA

'Uma economia paralela nasce onde o Estado é ausente'

Divulgação



James Franco é o protagonista de 'Hey Joe', de Giovanesi

Gerhard Kassner/Berlinale

Por **Rodrigo Fonseca** Especial para o Correio da Manhã

Desde a conquista do prêmio de Melhor Roteiro na Berlinale de 2019 por "La Paranza Dei Bambini", Claudio Giovanesi passou a ser encarado com o mais sentimental dos cronistas da cultura mafiosa de seu país, a Itália. Aos 46 anos, o realizador de "Fiore" (2016) e "Ali Ha Gli Occhi Azzurri" (2012) ganhou fama ao narrar a educação sentimental dos soldados da milícia napolitana. Volta ao tema este ano numa ponte (polêmica) com EUA pavimentada pelo drama "Hey Joe".

A produção estreou no Festival de Roma, há cerca de dez dias, e estreia no dia 28 apoiada no burburinho provocado pela escolha de seu protagonista, James Franco, ganhador da Concha de Ouro de San Sebastián por "O Artista do Desastre" (2017), indicado ao Oscar por "127 Horas" (2010). Após um longo período de "cancelamento" que o manteve fora das telas, o astro conhecido pelo papel de Harry Osborn na franquia "Homem-Aranha" (2002-2007) tem a chance de voltar aos holofotes na pele do ex-pracinha da II Guerra Mundial Dean.

Nos anos 1940, Dean viveu uma tórrida história de amor em Nápoles e abandonou sua amada grávida. Na década de 1970, ele decide correr atrás do prejuízo sentimental que causou e buscar seu filho, que se encontra envolvido com atividades ilícitas.

Na entrevista a seguir, concedida via Zoom, Giovanesi fala sobre a dimensão geopolítica de sua visita ao processo de formação da máfia em sua nação.

Todo o protagonismo masculino de seus filmes caminha por uma trilha de samurai, não por referências nipônicas, mas pela aposta em figuras com códigos de honra particulares. Qual seria o código de Dean Barry?

Claudio Giovanesi: Ao falar em samurais, você me evoca Akira Kurosawa e aqui em "Hey

Joe", o que temos é um soldado que sobreviveu à II Guerra e passou a vida com uma promessa a ser cumprida. Sinto que o código desse homem ronda a possibilidade de honrar esse débito, ainda que tardiamente. É alguém a pensar como a vida teria sido se tivesse trilhado um outro caminho, como pai, o que carrega uma culpa histórica. A

solidão de Dean reflete a criação de um mundo contemporâneo, que nasce com o pós-guerra.

De que maneira esse olhar sobre a cultura de seu país, a Itália, lida com a presença americana e sua influência sobre a juventude?

Meu filme é a história de um americano que retorna a Nápoles, ou seja, volta a uma pátria que foi influenciada diretamente pelos EUA na música e no cinema. O universo que eu narro é o da década de 1970, antes da Camorra ganhar a forma que tem hoje, quando havia um tráfico de cigarros e de uísque a partir da embaixada estadunidense. É o retrato de uma economia paralela que nasce onde o Estado é ausente. É uma reflexão sobre os saldos da II Guerra. Usei "Paisà", de Rossellini, como a referência neorrealista direta para recriar o imaginário italiano de 1944. Os roteiristas, que são napolitanos, usaram outras inspirações e muita pesquisa documental de época.

O trabalho de seu fotógrafo, Daniele Cipri, carrega um colorido muito particular, cálido, que lembra "A Morte de um Bookmaker Chinês", de John Cassavetes. Qual foi a base de criação da paleta de cores de "Hey Joe"?

Fomos, sim, inspirados no cult de Cassavetes nas sequências do clube que aparece na trama. As imagens correspondentes à década de 1970 seguiam um estilo de filme em película, com efeitos típicos dos rolos de 16mm.

Como é o processo construção de mise-en-scène com um ator que também é cineasta como James Franco?

Escalei James por gostar muito de seu trabalho como diretor, em especial "Child of God". Ele segue um método particular que vai além da abordagem psicológica, o que funciona muito bem.

CRÍTICA / FILME / MALU

Palavras grávidas de desalento

Fotos/Divulgação



Dilemas da maternidade e do companheirismo entre mulheres de uma família ampliam a força poética de 'Malu', premiado no Festival do Rio

savetes (1929-1989). JC filmava em patota (com Ben Gazzara, Seymour Cassel, Peter Falk e sua diva, Gena Rowlands) falando de... “patotas”... vide “Maridos” (1970)... ou da conexão entre irmãos ou entre amantes. Era

também corajoso no trato com o verbo falado, sem pânico da verborragia.

No script que lhe rendeu o Redentor de Melhor Roteiro da Première Brasil, Freire parece ter tomado emprestado de seu ídolo ecos

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

A partir da projeção do curta “O Teu Sorriso” (2009) no Festival de Veneza, Pedro Freire deixou evidente a sua destreza para lidar com o lugar da palavra na tela grande, sabendo domá-la sem o temor que muitos têm, de modo a extrair dela uma poesia que transcenda limites semióticos na embocadura da estrela certa.

O verbete “mãe” é o termo mais espinhoso de seu novo filme, “Malu”, ganhador do troféu Redentor de Melhor Longa-metragem de Ficção do Festival do Rio 2024 (em empate com “Baby”), onde arrebatou mais três láureas.

Outro Pedro, o espanhol Almodóvar, já havia flagrado as farpas que o termo referente à gestação, à criação, ao Édipo e ao amor incondicional carrega, basta conferir seus almodramas “Madres Paralelas” (2021) ou “Todo Sobre Mi Madre” (1999). O desafio que Freire encara, livrando-se de tatear excessos melodramáticos, é alargar a fronteira desse signo, “mãe”, grávido de muitas renúncias e de muitos complexos ao retratá-lo pelo prisma do companheirismo, sentimento que encontrou um cronista singular num cineasta de quem o diretor brasileiro é fã: John Cas-

de “Uma Mulher Sob Influência” (1974) na hora de compor a Comédia Humana retratada em “Malu”, que alcançou um sucesso tamanho GG lá no Festival de Sundance, nos EUA. Assim como na pérola cassavetiana, há, em seu longa, uma fúria feminina que se descontrolou (ou foi descontrolada) por vetores da vida: escolhas ruins, fracassos, recuos, recusas... Essa fúria é Malu (papel de uma Yara Novaes em estado de graça). Ela é uma atriz de passado glorioso, que se vê presa em um caos sentimental. A relação nada leve com sua mãe conservadora e sua filha adulta (papéis de Juliana Carneiro da Cunha e Carol Duarte) torna sua crise – e sua sensação de falta de pertencimento – ainda mais aguda.

As três atrizes supracitadas foram (mercidamente) contempladas com troféus na maratona cinéfila carioca não apenas pelo que resguardam em silêncios crepusculares, mas por tudo o que despejam em desabafos e ataques nas quais cada sílaba é uma navalha. Freire não poupa as consoantes e as vogais. Elas funcionam como uma sinfonia de lamentos até de desenharem como um cântico de reconciliação, sob a certeza de que um abraço partido é um abrigo vazio. A fotografia de Mauro Pinheiro Jr. segue a linha temperada de tons mornos habituais de um fotógrafo que sabe colorir tramas sobre angústias afetivas com uma sobriedade invejável.

CRÍTICA / FILME / TODO O TEMPO QUE TEMOS

Divulgação



‘Todo Tempo Que Temos’ narra um casal apaixonado que luta contra o avanço de uma doença

narrativas fofas (tipo “P.S.: Eu Te Amo” ou “Um Lugar Chamado Notting Hill”) que arastam multidões às salas. A produção é assinada por Benedict Cumberbatch (o Doutor Estranho da Marvel) e renova uma tradição outrora muito perseguida pelo audiovisual inglês – vide “Desencanto”, de David Lean.

A patrulha do politicamente correto vai se irritar, e muito, com a representação crua, sem estilização, da nudez, aplicada a seu par estrelas. Há um ethos nesse filme mais próximo do cinema popular praticado nos anos 1940 – tanto o hollywoodiano quanto o britânico – do que do comportamento dos anos 2020.

Amar é nunca ter que pedir perdão

O título acima foi emprestado por “Love Story” (1970), das carícias trocadas entre Ali MacGraw e Ryan O’Neal em um enredo sobre um triângulo entre uma mulher, um homem e uma doença terminal. Essa mesma tríade serve de base a “Todo Tempo Que Temos” (“We Live In Time”), filme de encerramento do Festival de San Sebastián. Sabe aquele tipo de produção que faz a gente suspirar? Pois então, o longa-metragem do aclamado diretor teatral e sazonal cineasta irlandês John Crowley (de “Brooklyn”) é desses.

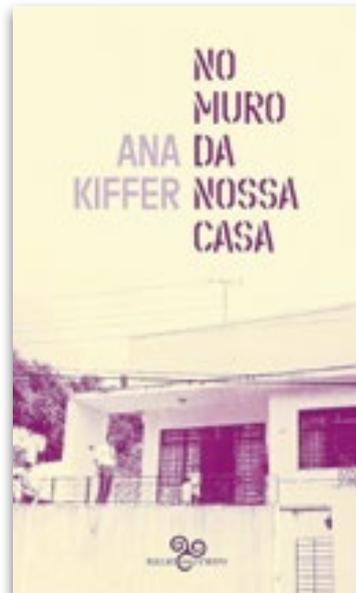
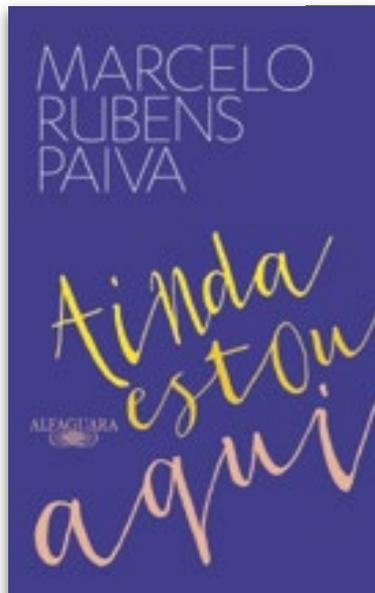
Esse drama romântico, aquecido pela luz cálida do fotógrafo Stuart Bentley, é daquelas

Temos um engenheiro de computação, Tobias (Andrew Garfield, sublime em cena), que quer viver agarradinho com sua paixão e ter filhos, de modo a repetir o pretérito perfeito que viu seu pai experimentar. Temos também uma chef um tanto cética, Almut (Florence Pugh, em seu desempenho mais sinuoso e mais tocante), que não se deixa amolecer por qualquer carinho, mas acaba arrebatada pelo jeitão bom moço de Tobias. Há incongruências entre eles, fato que há. Não esqueçam da máxima do dramaturgo Jean Anouilh: “Existe o amor, é claro, e existe a vida, sua inimiga?”

Apesar de ruídos aqui e ali, principalmente alguns envolvendo o desejo dela de não ser mãe, forma-se uma covalência da mais alta plenitude entre eles. Só que esse par vai formar um triângulo com um ente nada bem-vindo: um câncer de ovário. O que acompanhamos ao longo de uma hora e 47 minutos de uma montagem não linear, que volta no tempo aqui e avança nele acolá, é uma batalha épica, travada em dupla, não só contra a metástase anunciada, mas contra o relógio. (R.F.)

CRÍTICA / LIVROS

Fotos/Divulgação



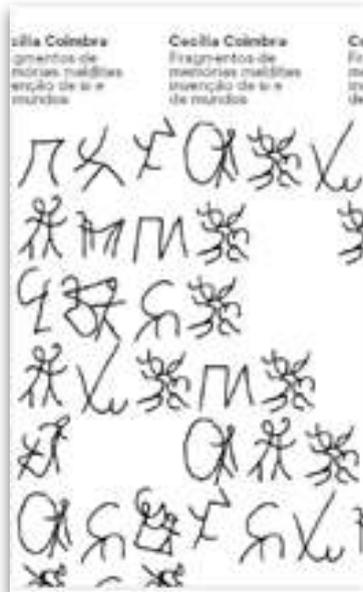
Páginas infelizes de tantas histórias

Por Olga de Mello

Especial para o Correio da Manhã

Há 60 anos, a violência urbana nas metrópoles brasileiras era projetada para compor um futuro distópico, iniciado, em plano realista, na década de 1980. A agressividade policial e a negligência do Estado no combate à violência foram gestadas pelas práticas de tortura contra presos políticos, enquanto a apatia da classe média se escora no tratamento discreto e constrangido do que já chegou até a receber uma tentativa de apelido absurdo de “ditabranda”.

As pavorosas recordações desses anos de chumbo, vez por outra, conquistam leitores – e não apenas nas reflexões acadêmicas. Quase dez anos depois de lançado, *Ainda estou aqui* (Companhia das Letras, R\$ 59,90), de Marcelo Rubens Paiva, acaba de entrar nas listas de livros mais vendidos, impulsionado pela divulgação do filme baseado na história de Eunice, a mãe do autor e viúva do deputado Rubens Paiva.



As memórias do menino Marcelo se intercalam com a trajetória de Eunice, que viu o marido ser levado de casa, no bairro carioca do Leblon, em 1971. Rubem Paiva jamais retornou. Enquanto criava os cinco filhos sozinha, Eunice Paiva estudou Direito, especializou-se em defesa dos indígenas e lutou para que o governo brasileiro reconhecesse a morte do marido, cujo corpo nunca foi encontrado. As recordações da própria

Eunice tornam-se obscuras quando ela, na maturidade, é diagnosticada com o Mal de Alzheimer. Cabe ao filho mais moço resgatar a história da família que precisou sobreviver de ausências.

A escritora Ana Kiffer também se volta para a tensão enfrentada por sua mãe, Cléa, presa, em 1968, por militares que procuravam seu marido, o deputado João Kiffer Netto. O tocante *No muro de nossa casa* (Bazar do Tempo,

R\$ 47,20) acompanha a detenção de Cléa, mãe de duas crianças, grávida (de Ana). O muro da casa da família, em Niterói, amanhece pichado com inscrições de que ali morava um comunista – como eram identificados quase todos os adversários ao regime antidemocrático, então. A pichação anônima não apenas expõe a militância de Kiffer Netto – que, cassado, voltou a trabalhar como psiquiatra –, mas a intimidade da família

para toda a vizinhança.

Uma das fundadoras do grupo Tortura Nunca Mais, a psicóloga Cecília Coimbra, relatou à Comissão da Verdade as torturas a que foi submetida ao longo de três meses de prisão, em 1970, no quartel do Exército onde funcionava o Destacamento de Operações de Informações (DOI), no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro. Em *Fragmentos de memórias malditas* (N-1 Edições, R\$ 52,90), Cecília acrescentou a seu depoimento informações que traçam o cenário do país na época de sua prisão, apresentando o contexto político, econômico e cultural daquele período. As descrições sobre a violência são breves e o mais objetivas possíveis. Do texto, emerge tanto quanto o horror pela brutalidade a que aquelas pessoas foram submetidas, o pavor que a expectativa de quantas atrocidades – entre elas a de ter um filhote de jacaré caminhando sobre seu corpo, como aconteceu com Cecília – aconteceriam a quem resistisse às sevícias. Os torturados que melhor sobreviveram à barbárie até hoje convivem com sensações de mal-estar quando um eletrodoméstico é acionado, por lembrar os ruídos de aparelhos para transmitir choques elétricos nos presos. Já os torturadores, que não chegaram a ser punidos na proporção dos maus-tratos infligidos, contribuíram para a brutalização das forças policiais num país a cada dia mais violento.



Mineiralidades



Contigo aprendi, povo de Minas, que hospitalidade, gentileza, empatia e simpatia fazem parte do DNA de quem nasce na Gerais. É um cadinho de casa de vó, um cadinho do 'cafezin fresquin passado na hora' ao gosto do acolhido; sim acolhido porque mineiro não recebe, mineiro promove o mais incrível acolhimento.

Aprendi que o sotaque é charmoso, que a forma criativa de apocopar as palavras é incrível, que as expressões, sim expressões, 'nó' e 'nu' dependem do quantitativo, que um 'troço' é uma coisa e um 'trem' é outra completamente diferente sendo primas entre si.

Aprendi o que todos já sabiam nas Gerais: o queijo de lá, a forma de fazê-lo o transforma no melhor do mundo. Que a amburana é uma árvore frondosa e não serve só para fazer barril; sua casca mergulhada na pinga deixa a 'marvada' com um sabor inconfundível.

Aprendi que comida feita no fogão de lenha tem um sabor inconfundível e que recusar um almoço, um 'cafezin', 'um bolo de mi', uma broa ou um 'torresmin' é uma ofensa, uma desfeita sem precedentes que não tem perdão.



Reaprendi que "logo ali" você deve se preparar para uma maratona e que quando te dizem que é "longe dimass da conta, só" você deve se preparar para cruzar o Estado em seus 853 municípios. Aprendi que a relação de lateralidade é extremamente importante; sempre vão dizer: "Vai sempre à direita, não entra à esquerda de jeito nenhum; sempre à direita."

Ouvi frases maravilhosas, fora o "com Deus", benção geral do mineiro independentemente de sua (nossa) religiosidade. Ouvi, destas senhorinhas maravilhosas que lembram nossas queridas mães: "Que Deus te acompanhe, porque Ele estará sempre com você; se eu disser 'vai com Deus', para onde você irá?"

Aprendi que Abacatinho é o melhor refrigerante do Universo real e paralelo, que carne de porco é bem mais saudável que qualquer outra, que galopé dá sustância, que 'dodileite' caseiro é um manjar criado em parceria pelos deuses Deméter e Zao Jun, que Guaramão e Xequ-Mate são a novidade do momento...

Aprendi que há no coração do mundo uma mina de amor incondicional (em)Gerais!

No DF, o mundo em cena

Cena Contemporânea 2024: Festival de Teatro no DF acontece de 5 a 17 de novembro

Diego Bresani

Por Mayariane Castro

O Cena Contemporânea, Festival Internacional de Teatro de Brasília, chega à sua 25ª edição de 5 a 17 de novembro de 2024, trazendo uma programação que inclui espetáculos do Brasil e do exterior, além de atividades formativas. O evento será realizado em diversas localidades do Distrito Federal, como o Plano Piloto, Taguatinga, Ceilândia e Varjão.

Nesta edição, o festival contará com 20 atrações, incluindo peças de teatro, dança, música e cinema.

A abertura será marcada pela apresentação de “Deserto”, uma adaptação da obra do escritor chileno Roberto Bolaño, com



25ª edição do maior festival de artes cênicas da região central do Brasil

direção de Luiz Felipe Reis e atuação de Renato Livera. A peça será apresentada no Teatro dos Bancários nos dias 5 e 6 de

novembro. Os palcos do festival incluem o Espaço Cultural Renato Russo, o Centro Cultural da ADUnB, o Cine Brasília e

unidades do Sesc. Além das apresentações, o festival promoverá oficinas, residências e encontros, visando fortalecer a produção

artística contemporânea e oferecer oportunidades de aprendizagem para os participantes.

O evento é organizado sob a direção geral de Guilherme Reis e conta com o patrocínio da Petrobras e do Ministério da Cultura, por meio do Programa Petrobras Cultural e da Lei Rouanet.

O Cena Contemporânea se afirma como um importante espaço de promoção da arte e da cultura, reunindo artistas e o público em um diálogo enriquecedor. A programação do projeto abordará temas como identidade, memória e a construção do futuro. As obras buscam refletir sobre a história de indivíduos, explorando a relação entre passado e presente.

Nos palcos, reflexões em Memória

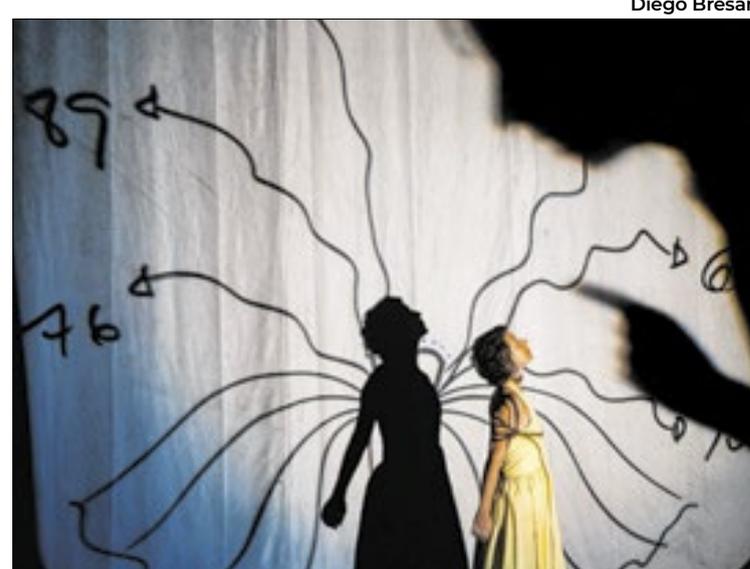
Obras da Argentina, Espanha, Canadá e Brasil se revezam

Outro destaque será “Future Lovers”, da companhia espanhola La Tristura, que examina a relação da nova geração com um mundo hiperconectado. O festival também apresentará “no hay banda”, de Martín Flores Cárdenas, que investiga a essência do teatro a partir da experiência pessoal do artista.

Biografias e histórias de vida também estarão em foco com apresentações como “Não me entrego, não!”, protagonizada pelo ator Othon Bastos, e “A Es-

cultura”, que traz a narrativa de Yara De Cunto, uma artista com deficiência visual.

Três obras tratarão da relação com as mães e do luto: “Between me and you”, “Azira’i”, e “Meu nome: mamãe”. Cada uma aborda o tema de formas distintas, proporcionando um espaço de reflexão sobre a perda e a ancestralidade. A programação inclui ainda “Nzinga”, que retrata a história da rainha dos reinos de Ndongo e Matamba, e “Danúbio”, que aborda a memória an-



“Memória Matriz”, aborda a construção da identidade

cestral dos corpos pretos. Outras estreias importantes são “Sebastião”, que discute preconceitos contra a comunidade LGBTQIAPN+, e “Me Escuta (No teatro)”, que traz histórias reais do Distrito Federal.

Espectáculos como “Memória Matriz” e “Júpiter e a Gaiivota” também estarão presentes, oferecendo uma abordagem contem-

porânea e crítica da identidade de gênero e da obra de Tchecov, respectivamente.

Além das apresentações teatrais, o festival contará com um show do artista Paulo Miklos, que apresentará canções de sua carreira solo e sucessos dos Titãs. O evento ocorrerá no Centro Cultural da ADUnB no dia 11 de novembro.

Diego Bresani

Para formar

Na segunda semana do festival, o Cine Brasília exibirá dois longas-metragens que dialogam com o teatro: “Reas”, documentário musical de Lola Arias, e “O Diabo na Rua no Meio do Redemunho”, adaptação de Bia Lessa para a obra de Guimarães Rosa. As atividades formativas incluem oficinas ministradas por artistas internacionais, como Martín Flores Cárdenas e Heidi Strauss, e a residência com a atriz Giovana Soar.

As tardes dos dias 6, 9, 11 e 16 de novembro serão reservadas para os Encontros do Cena, um espaço de debate sobre temas relevantes da criação cênica. Dentro do evento, serão ofertadas atividades de teatro de rua, cinema, dança e outras manifestações artísticas para compor a programação rica do evento, que visa e tem como objetivo fomentar e agregar ao cenário cultural do Distrito Federal.

TEATRO**Joana d'Arc**

*Personagem de um dos Séculos mais brutais da história, Joana d'Arc é fruto forte em um solo encharcado de enxofre. Erguia sua verdade em face à mentira comum aos homens. História que inspirou o Grupo Embarça (10 anos), a reviver Joana em um tempo que interdita os livros e pune quem se atreva a abrir uma página que seja. Além de sessões abertas ao público, Joana será apresentada para alunos do CEM 2, em Sobradinho/DF, e onde as artistas ministram a oficina "Performance Negra" a estudantes. Outras exclusivas serão apresentadas no CED 6, da Ceilândia. Classificação indicativa: não recomendado para menores de 14 anos.

"Corpo Diversidade"

*Dia 7 de novembro, das 17h às 22h, a Administração Regional do Guará será palco da primeira edição da premiação "Corpo Diversidade: Prêmio LGBTQIAPN+ do Movimento", um evento que celebra a arte e a cultura da comunidade LGBTQIAPN+ nas regiões administrativas do DF. Durante a programação, será realizada a cerimônia de premiação, além de aula de dança, atrações convidadas e apresentações artísticas dos vencedores. Acontece na Administração Regional do Guará, das 17h às 22h.

"O Entusiasta"

*Humorista reconhecido em todo País, Rodrigo Marques chega a Brasília com o espetáculo "O Entusiasta". A peça estará em cartaz neste sábado, 2 de novembro, em sessões às 19h e às 21h, no Teatro do Museu Nacional da República (Eixo Monumental). Ingressos a partir de R\$ 70.

Vinicius de Moraes

*Em cartaz há dez anos, o espetáculo VINICIUS voltará à cena neste fim de semana, nos dias 1º e 2 de novembro, às 19h, no Teatro Mapati (707 Norte). Produzida pelo Infiltrados Teatro de Ocupação, a peça oferece uma experiência imersiva e intimista ao público e conta a história do icônico poeta, diplomata e compositor Vinicius de Moraes. Com concepção, direção e roteiro de Abaetê Queiroz, codireção de Juliana Drummond e direção musical de Diogo Cerrado, o elenco é composto por Abaetê Queiroz, Amanda Coelho, André Araújo, Bárbara Gontijo,



Cia. de Teatro Negro cria e encena releitura de Joana d'Arc

Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

POR: REYNALDO RODRIGUES / SUGESTÕES: CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Divulgação



Espectáculo VINICIUS

Diogo Cerrado, Juliana Drummond, Luciana Lobato e Marcellus Inácio.

SHOW**Arte regional**

*Há 30 anos realizando projetos culturais por todo o DF com o objetivo levar cultura e conhecimento à população, o Mestre Repentista Chico de Assis convidou renomados artistas para apresentações em Ceilândia, Santa Maria, Taguatinga, Estrutural, Vila Telebrasília e Samambaia.

Quilombo Groove

*O CCBB Brasília apresenta o Quilombo Groove - Preces, Louvores e Batuques do Quilombo do Curiaú, um projeto inédito, com patrocínio da BB Asset,

Divulgação / Câmara Clara

**Linguagens da arte regional circulam pelo DF**

Divulgação

**Exposição individual de Rubem Valentim**

Divulgação

**Breno Alves e Trio**

que traz ao coração do país um pedaço da rica e vibrante cultura do Amapá, a qual conecta a energia ancestral dos ritmos do Marabaixo e do Batuque com shows de artistas absolutamente contemporâneos, além de oficinas, contação de histórias e a exposição fotográfica "Preces, Louvores e Batuques". A programação acontece de 07 a 10 de novembro, na Galeria 04, Teatro e jardim do CCBB Brasília.

Samba e sabores

✦ Para os fãs de samba e de encontros descontraídos, o Na Seis – Comida de Bar, localizado na 706 Norte, está se tornando o hotspot da cidade. Com uma programação de samba que embala as noites de sexta e sábado, o gastrobar oferece uma combinação de música

ao vivo e gastronomia de alta qualidade, ideal para quem quer relaxar e se divertir com amigos em um ambiente vibrante. O samba dá o tom no final de semana do Na Seis. A sexta-feira (01) começa com Breno Alves e Trio, que traz o melhor do samba de raiz para garantir o gingado da galera.

Música para contemplar

✦ O CTJ Hall recebe, hoje (01), o Marlene Souza Lima (MSL) Trio que apresenta, neste show, um repertório com temas compostos pela guitarrista Emily Remler e pelo guitarrista John Scofield, além de músicas de outros compositores, eternizados pelas guitarras dos homenageados. Temas como: Nunca Mais, Tenor Madness, e as brasileiras Canto de Ossanha e

Divulgação

**Festival FEBRAFE**

Stefanny Santos

**NADA SOBRE NÓS, SEM NÓS!**

Insensatez integram o bloco dedicado a Emily Remler. Acontece no CTJ Hall da Casa Thomas Jefferson da 706/906 Sul, entrada franca.

EXPOSIÇÃO**Nós, sem nós!**

✦ A segunda edição do projeto Vivências Inclusivas reafirma o papel transformador da arte na promoção da inclusão social. Ao utilizar a fotografia como uma ferramenta de expressão e empoderamento, o projeto demonstra o quanto a arte pode servir de ponte entre as diferenças e fortalecer a representatividade de pessoas com deficiência no campo cultural. O resultado desse trabalho poderá ser apreciado pelo público em uma exposição que ficará aberta à visitação no Espaço Renato Russo, de 5 a 30 de novembro.

Rubem Valentim

✦ Considerado um dos mestres do construtivismo brasileiro e conhecido pelas composições geométricas com emblemas afro-brasileiros, o pintor, escultor e gravador baiano Rubem Valentim tem o legado exposto no espaço Cerrado Cultural. A mostra segue em cartaz até 1º de novembro com entrada gratuita ao público.

CINEMA**FEBRAFE**

✦ A primeira semana de novembro começa animada com a estreia do Festival de Filmes de Entretenimento, o FEBRAFE, que tem por objetivo exibir filmes de curta e longa-metragem que apresentem propostas inovadoras de diversos gêneros. As exibições acontecerão até 6 de novembro no Teatro SESC Ary Barroso localizado na unidade SESC 504. A entrada é gratuita e os ingressos poderão ser retirados no site do festival.

Cineclubes Balaio

✦ Depois de 8 anos de pausas, está de volta o Cineclubes Balaio. Criado em 2006, por Jul Pagul, do Balaio Café, a iniciativa esteve com filmes em cartaz durante 10 anos, que despertaram sentidos sobre os modos sociais, culturais, emocionais, imaginativos e contaram a nossa história. Agora o projeto retoma com exibições em diferentes pontos do DF, promovendo a descentralização da cultura.

Ecos da literatura local

Dia Nacional do Livro: Brasília se mostra um berço de talentos emergentes na literatura

Por Mayariane Castro e Reynaldo Rodrigues

A cidade da seca, da política e do rock também brilha em outra área: a literatura. Apesar dos desafios enfrentados, aos poucos os autores do Distrito Federal conquistam espaço no Brasil e no mundo. É o caso do autor brasileiro, Miguel Vaz (foto ao lado). Escritor, poeta e cantor na dupla sertaneja Zé Felipe & Miguel. Nasceu em Brasília, em 1992 se formou em Jornalismo pela Universidade de Brasília. É autor do romance regionalista. Cheiro de suor e vinho marca sua primeira imersão no campo dos romances hot, valendo-se de suas experiências dentro e fora dos palcos, onde paralelamente



Felipe Ponce

Cheiro de suor e vinho marca sua primeira imersão no campo dos romances hot

sua arte circula. Com uma trama “caliente”, que acompanha a aventura de Elisa, em busca de emprego na capital da moda,

Milão, com um passado que a persegue. Um mafioso lunático coloca um alvo em suas costas e ela precisa deixar sua terra na-

tal, a pacata cidade de Vernazza. A vida da jovem corre risco e as movimentadas ruas milanesas já não são mais seguras. No entan-

to, de todos os perigos, nada se compara à chegada de um amor improvável e turbulento para deixar seu coração ainda mais vulnerável. É entre os parreirais do interior italiano e os luxos da metrópole que os leitores saboreiam o enredo de Cheiro de suor e vinho, primeiro romance erótico do escritor e cantor Miguel Vaz. Na obra, publicada pelo selo Lucens Editorial, a protagonista se vê diante de um reencontro inesperado com o músico Lorenzo Bianchi, cujo charme e magnetismo despertam desejos profundos e intensos. Esse encontro abre espaço para uma ousadia latente, revelando uma nova faceta de alguém que mergulhava apenas nos livros e vivia à sombra fantasias.

Textos em pixels: livros na era digital

A transformação do mercado editorial brasileiro na era digital

O leitor contemporâneo está mais conectado, exigente e busca conveniência. A leitura deixou de ser uma atividade exclusivamente física, expandindo-se para uma gama de preferências por conteúdos multiplataforma, com uma demanda crescente por experiências imersivas que vão além do livro impresso. Essa nova geração busca interatividade por meio de redes sociais, podcasts, trilhas sonoras que complementam a obra e até experiências sensoriais relacio-

nadas ao livro, aproximando-o da obra e fortalecendo o vínculo emocional com a narrativa. O crescimento exponencial do conteúdo digital é uma das principais tendências. Livros digitais, audiolivros e conteúdos interativos vêm ganhando espaço, impulsionados pela popularização de dispositivos móveis e plataformas de streaming. Desde 2018, o faturamento com conteúdos digitais cresceu 158%, e esse segmento agora representa 8% do mercado editorial. A ino-



Reprodução

O mercado editorial brasileiro na era digital

vação tecnológica está no centro dessa transformação, com editoras investindo em inteligência artificial, realidade aumentada e personalização de conteúdos, proporcionando uma nova forma de leitura. Com isso, editoras e autores estão se adaptando a essa nova realidade, oferecendo conteúdos adicionais, como playlists no Spotify que acom-

panham o enredo do livro, vídeos explicativos no YouTube e podcasts que discutem os temas abordados nas obras. Essas iniciativas criam um ecossistema de mídia ao redor do conteúdo literário, proporcionando uma experiência mais rica e interativa.

“O leitor de hoje não quer apenas consumir conteúdo, ele quer sentir que faz parte de

algo maior. Ao oferecer trilhas sonoras, podcasts e até mesmo produtos temáticos, como fazemos com Café com Deus Pai, criamos uma experiência completa que vai além das páginas do livro. Trata-se de gerar uma conexão mais profunda, onde o leitor se sente parte da história e tem sua vida impactada para além das páginas físicas da obra”, afirma Junior Rostirola, autor do best-seller.

O livro Café com Deus Pai é um exemplo notável dessa transformação. Com mais de 5 milhões de cópias vendidas, ele aproveitou ao máximo as novas tendências do mercado e o comportamento digital do leitor atual, tornando-se não apenas o livro mais vendido do país, mas também um fenômeno cultural. Ele é o criador do podcast mais ouvido do Brasil no Spotify, no qual aprofunda os temas tratados no livro, ampliando o alcance de sua mensagem.

25ª Festival
Internacional de
Teatro de Brasília



PÁGINA 5

Cantor e escritor
brasiliense lança
romance erótico



PÁGINA 16

Cia. de Teatro
encena releitura de
Joana d'Arc



PÁGINAS 8 E 9

2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

'A música dele veio me beijar e me salvar'

Ashley Mello/Divulgação

Caixa Cultural recebe Almério para três apresentações de 'Tudo é Amor', show com repertório do disco homônimo dedicado ao repertório de Cazuzza

Em que ponto uma voz agreste de DNA nordestino se encontra com a carioquice debochada e roqueira dos anos 1980? Nome de destaque da cena musical brasileira, Almério está pronto para responder essa pergunta em seu show "Tudo É Amor - Almério canta Cazuzza", dedicado a um dos mais celebrados - se não o mais - poeta do Rock Brasilis. O pernambucano se apresenta de sexta a domingo (1 a 3) na Caixa Cultural Rio de Janeiro - Teatro Nelson Rodrigues, revivendo o cancionário do compositor carioca e na ótica do álbum homônimo lançado por Almério em 2021.

É a fricção entre a força cênica e nordestinidade de Almério e as canções atemporais de Cazuzza, algumas mais atuais do que nunca, como frisa o cantor. "Sempre peço permissão a Cazuzza para cantar. Ele me influenciou e eu sempre cantei Cazuzza na minha época de cantor de bar. Tenho esse imenso desafio de estar próximo dele, mas também manter a distância para dar a minha energia: E can-

tando essa poesia que parece até premonitória de tão atual.

No show, ele vem acompanhado de banda formada por Juliano Holanda (guitarra), Rapha B (bateria), Guga Fonseca (teclado) e Roger Victor (contrabaixo), com direção artística de Marcus Preto - um dos incentivadores do álbum. Almério interpreta, à sua maneira, hits como "O Nosso Amor a Gente Inventa", "Minha Flor, Meu Bebê", "Brasil", "Pro Dia Nascer Feliz" e "Exagerado".

A ideia de celebração passa por toda a apresentação, que está dividida em blocos de canções. A surpresa fica por conta de "Luz Negra" (Nelson Cavaquinho) e "Eclipse Oculto" (Caetano Veloso), composições que Cazuzza gravou e gostava de cantar, mas que não levam a sua assinatura.

Nascido em 1980 na cidade de Altinho, no Agreste pernambucano, Almério teve o primeiro contato com a obra de Cazuzza em 1993, quando o irmão comprou em Caruaru um CD com a coletânea do artista embora não tivesse onde ouvi-lo, pois na casa não tinha aparelho de CD. "Eu ficava lendo e relendo o encarte com as letras, imaginando a força dele. Dois anos depois consegui comprar um discman. A música do Cazuzza veio me beijar e me salvar", lembra.

SERVIÇO

ALMÉRIO - TUDO É AMOR

Caixa Cultural Rio de Janeiro - Teatro Nelson Rodrigues (Av. República do Paraguai, 230 - Centro)

1 a 3/11, sexta (19h), sábado e domingo (18h)

Ingressos: Plateia - R\$ 40 e R\$ 20 (meia) | balcão - R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

